

A INVISIBILIDADE DA POPULAÇÃO LGBTI+ NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NA CIDADE DE TRÊS LAGOAS-MS

Ana Carolina Bruno Ribeiro
Haynã Murillo Alves De Oliveira

- Resumo expandido
- Projeto de pesquisa¹
- Relato de experiência

EIXO TEMÁTICO

- Dinâmica Ambiental e Planejamento
- Dinâmicas Territoriais na Cidade e no Campo
- Ensino de Geografia, Educação Ambiental e Práticas Pedagógicas

1) INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A saúde da população LGBTI+, apresenta uma invisibilidade e ausência de efetiva implementação, mesmo com a criação da “Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais”, pelo Ministério da Saúde em 2011. Nela já apontava que haveria desafios para sua aplicabilidade e funcionalidade, principalmente, dentro da “porta de entrada” para o atendimento em saúde, que é a Atenção Primária à Saúde (APS), que são as Unidades de Saúde da Família (USF).

Ressaltamos que a homossexualidade estava na Classificação Internacional de Doenças (CID-9) até o início da década de 1990, como aponta Quinalha (2022). Deixando de ser considerada doença em 17 de maio de 1990, com a implementação do CID-10 nos anos subsequentes. No mesmo campo em que pessoas LGBTI+ foram ou ainda é tratada como doentes em que recentemente, no ano de 2019, a transexualidade deixou o rol do quadro de doenças ou transtornos psiquiátricos e passou a ser uma questão ligada à saúde sexual².

Podemos considerar que ao deixar de ser tratado como “doença” temos um avanço, principalmente quando o instrumento que os profissionais de saúde devem guiar como classificação, “retira” ou, no caso da transexualidade, o trata como questão ligada à saúde integral e sexual. Mas, ainda há uma resistência e invisibilidade dentro dos sistemas de saúde. Essa “ausência” e invisibilidade da população LGBTI+ dentro do sistema de saúde, é apontada por Gomes *et al.* (2018).

Esses sujeitos passam pelos (ou se afastam dos) serviços da rede sem que sejam enxergados, reconhecidos ou mesmo

¹ Projeto de Pesquisa elaborado na disciplina de Metodologia Científica no segundo semestre de 2022.

² Aprovado em 2019, durante a 72ª Assembleia Mundial da Saúde, da Organização Mundial da Saúde (OMS), o CID - 11, deverá substituir o atual CID -10, aprovada em 1990, pela 43ª Assembleia Mundial da Saúde, onde a homossexualidade foi retirada das lista de doenças. Mais informações em: < <https://brasil.un.org/pt-br/83343-oms-retira-transexualidade-da-lista-de-doencas-mentais> >. Acesso em 10. Out. 2022.



IV ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGEO

“CÊNCIA, CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO: A pesquisa científica, um instrumento essencial na formação de Geógrafos”
24 a 27 de maio de 2023 – Três Lagoas/MS

ouvidos, fazendo-se necessária a realização de capacitação de recursos humanos, de acompanhamento da agenda da saúde e de participação social para essa população em específico. (GOMES *et al.*, 2018. p.1131).

A invisibilidade da população LGBTI+ dentro dos serviços de saúde está ligada a uma construção social-histórica do machismo, gerando homofobia e transfobia. Há uma falta de preparo e conhecimento, em sua maioria, dos gestores e dos trabalhadores da saúde, para lidar com questões de gênero e sexualidade, seja pela falta de conhecimento ou em alguns casos, seja por conta do preconceito. A falta de dados que possam mensurar e possibilitar a implantação de políticas públicas para a população LGBTI+, é um dos múltiplos entraves para estabelecer o quantitativo e conhecer a situação social e de saúde desses grupos.

Superar os preconceitos e estigmas são um desafio, como a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais (Brasil, 2013) para que a população LGBTI+ tenha acesso à saúde de forma universal e integral. Estudar os grupos LGBTI+ em diversos segmentos sociais, nos possibilita, entender como é a origem do preconceito; como e onde as diversas violências: física, verbal, psicológica e social ocorrem e seus desdobramentos e por fim, como a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), o Brasil é um país onde pessoas LGBTI+ são mais assassinadas, mesmo considerando os países onde a homossexualidade e transexualidade são crimes punidos com pena de morte³.

Quando olhamos a realidade, ou seja, nossa percepção daquilo que está ao nosso redor, notamos uma determinada imposição e proibição, seja pelos valores morais, da manifestação e expressão de gênero que esteja fora do padrão binário ocidental. Mas essa relação de exclusão é possível ser transformada.

Para discutir questões ligadas a gênero e sexualidade, é necessário entender os processos de regulação e controle sobre os corpos. Foucault (1999b), aponta que os nossos corpos são regulados e controlados para a reprodução das ideologias hegemônicas, assim se tornam dóceis. Dentro do processo histórico pessoas que estavam no padrão binário da concepção judaico-cristã era excluído ou passava por processos de repressão extrema, seja por violência dos outros; ou pela auto repressão, quando você “não aceita” quem você é. Foucault (1999a) apontou o uso da saúde como instrumento de controle, vigilância e punição a corpos considerados transviados.

[...] os principais agentes de um dispositivo de sexualidade que no exterior se apoia nos médicos e pedagogos, mais tarde nos psiquiatras, e que, no interior, vem duplicar e logo "psicologizar"

³ A ANTRA a cada 29 de janeiro, publica em seu site o Dossiê dos Assassinatos e violências contra pessoas Trans referente ao ano anterior. Referente ao Brasil ser o país que mais mata LGBTI+ no mundo está na página inicial do site da ANTRA, mesmo ela dando enfoque na população trans e travestis, ela ainda aborda de forma como comunidade a questão da violência. Mais informações: < <https://antrabrasil.org/> >. Acessado em 19. Nov. 2022.



IV ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGEO

“CÊNCIA, CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO: A pesquisa científica, um instrumento essencial na formação de Geógrafos”
24 a 27 de maio de 2023 – Três Lagoas/MS

ou "psiquiatrizar" as relações de aliança. Aparecem, então, estas personagens novas: a mulher nervosa, a esposa frígida, a mãe indiferente ou assediada por obsessões homicidas, o marido impotente, sádico, perverso, a moça histérica ou neurastênica, a criança precoce e já esgotada, o jovem homossexual que recusa o casamento ou menospreza sua própria mulher. (FOUCAULT, 1999a. p. 104).

Neste sentido, percebemos que há um histórico de patologização de sexualidade e gênero que divergem do padrão heteronormativo binário. Com isso, percebemos as origens sócio-históricas das relações de invisibilidade da população LGBTI+ dos serviços de saúde. Precisamos apontar a atuação dos profissionais da saúde nas unidades de saúde da família (USF's) e a falta de implementação da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais contribui para a invisibilidade da população LGBTI+.

Carvalho e Barreto (2021) criticam essa ausência de informações sobre gênero e orientação social, tanto dentro dos serviços de saúde, bem como em outras pesquisas, como Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística). A ausência de informações reforça a invisibilidade, a ausência e até a segregação, o que por consequência, prejudica de forma considerável o acesso da população LGBTI+ dentro daquilo que é uns dos pilares da APS, a prevenção.

Compreender a invisibilidade da população LGBTI+, pode nos permitir mudar a realidade e dar viabilidade às políticas públicas. Mas essa relação de exclusão é possível ser transformada, assim como afirma Silva (2007).

A realidade sócio-espacial assim construída é um campo contratual, através do qual é redesenhada, redefinida e, também, transformada. Através da contemplação dos elementos materiais e simbólicos que constituem as relações entre gênero e espaço pode-se ir além do espaço da reprodução, instituindo, assim, o espaço da transformação. (SILVA, 2007. p. 124).

Como a autora afirma, o processo e os espaços de exclusão podem se transformar em espaços de transformação, ou seja, mudança de pensamento e construção de um processo formativo-educacional. Para que a mudança ocorra, a educação é uma ferramenta poderosa de transformação, afinal, o ser humano vive em constante processo de transformação e construção de novos conceitos e conhecimentos. Por isso, o processo de (re)construção de um novo paradigma social passa pelo processo educacional. Mudar esse paradigma é tão necessário e urgente, já que a população LGBTI+ serem tratadas sem a indiferença e preconceitos. Reverter esse cenário de preconceitos e exclusão, permitirá avanços. Só que quando nos debruçarmos sobre essa temática será possível construir novos caminhos.

Silva (2007) ainda aponta que os processos e espaços de exclusão podem se transformar em espaços de transformação, ou seja, mudança de



IV ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGEO

“CÊNCIA, CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO: A pesquisa científica, um instrumento essencial na formação de Geógrafos”

24 a 27 de maio de 2023 – Três Lagoas/MS

pensamento e construção de um processo formativo-educacional. Para que a mudança ocorra, é necessário dar visibilidade, conhecer e entender como a população LGBTI+, no caso relacionado, aos serviços de saúde, como acessam, se estão acessando e principalmente, entender as barreiras, preconceitos que possam haver dentro do sistema de saúde. Encontrar e contribuir para mudança deste paradigma é tão necessário e urgente, já que a população LGBTI+ acabam sendo tratadas com indiferença e preconceitos (Ferreira e Bonan, 2020). Reverter esse cenário de preconceitos e exclusão, permitirá avanços, já que os direitos básicos dos LGBTI+ são usurpados.

Por isso, a pesquisa pretende realizar levantamento de dados quantitativos e qualitativos em duas Unidades de Saúde da Família (USFs), tendo como recorte, a USF Paranapungá e a USF Vila Haro. Cada USFs escolhida tem suas particularidades, a primeira, devida a seu adensamento população na área de abrangência da mesma e a segunda está inserida, segundo Nascimento (2015), em um território da prostituição trans e travesti. Para obtenção dos dados necessários, pretendemos por meio de duas entrevistas em cada segmento, dentro de cada USFs, dos profissionais de saúde e dos usuários do serviço de saúde que sejam LGBTI+. Ressaltamos que, para que isso seja realizado, pretendemos estabelecer uma relação de vivência cotidiana nas USFs, para que possam haver uma relação de confiança, e assim, possamos atingir os objetivos desta pesquisa.

2) OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS

2.1. Objetivo Geral

- Compreender como a não implementação da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais e a atuação dos profissionais de saúde contribui para a invisibilidade da população LGBTI+ na Atenção Primária à Saúde nas Unidades de Saúde da Família na cidade de Três Lagoas/MS.

2.2. Objetivos Específicos

- Analisar a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, a construção histórica dessa política e as competências para atuação dos profissionais de saúde;
- Identificar, através de questionários e entrevistas, como os preconceitos e estigmas influenciam a atuação dos profissionais de saúde na Atenção Primária à Saúde;
- Perceber por meio de observações em campo, como, em quais situações e de que forma a População LBGTI+ acessa os serviços das Atenção Primária à Saúde.
- Entender por meio de entrevistas, como a população LGBTI+, percebem e utilizam os serviços da Atenção Primária à Saúde

3) METODOLOGIA



IV ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGeo

“CÊNCIA, CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO: A pesquisa científica, um instrumento essencial na formação de Geógrafos”

24 a 27 de maio de 2023 – Três Lagoas/MS

- Levantamento bibliográfico: artigos, livros, monografias, dissertações, teses, que possam dar sustentação teórica para a temática proposta;
- Realizar a leitura da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) e apontar os possíveis empecilhos e potencialidades para a implantação desta política no âmbito da APS.
- Coleta de dados quantitativos a partir da elaboração de questionários relacionados à conceitos e termos associados à população LGBTI+, com os profissionais que atuam nas Unidades de Saúde da Família (USF's) na cidade de Três Lagoas/MS;
- Coleta de dados qualitativos: serão escolhidos ao menos três profissionais de cada USF's; onde poderemos entender, por meio de entrevistas e questionários, como a lgbtfobia estrutural interfere no trabalho dos profissionais
- Tabulação dos dados obtidos pelos questionários e transcrição das entrevistas realizadas;
- Análise dos dados obtidos e cruzamentos das informações com os referenciais
- Redação do relatório final e de artigos

4) RESULTADOS ESPERADOS

Queremos com esse projeto, primeiramente, dar visibilidade dentro da geografia a debates e temas tão urgentes, em que, muitas vezes, a ciência geográfica se omite e perde seu “espaço” de contribuir para compreensão de forma integral da sociedade e seus desdobramentos espaciais. Por isso, a produção de ciência não pode ser neutra. É necessário que comecemos a discutir que o “primeiro espaço” a ser debatido são os nossos próprios corpos.

Neste sentido, o desenvolvimento deste projeto, além de buscar contribuir para uma geografia do “biopoder”, a partir de uma concepção foucaultiana, também pretendemos contribuir de forma que os direitos constitucionais e políticas públicas sejam universais e que todos tenham acesso, sem estigmas e preconceito. É um passo inicial para que somar com outras pesquisas, sejam por meio de artigos, de dissertações, seminários, cursos, nestes últimos, em parceiros com entidades, para a capacitação e diálogo com profissionais. Com isso, queremos contribuir para a discussão e elaboração de protocolos, planos e uma política pública de saúde que possa contribuir para, a superação de preconceitos dentre os profissionais, e entendendo como a população LGBTI+ acesso ao serviço de saúde, garantir a universalidade e equidade do Sistema Único de Saúde (SUS).

5) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília: Editora MS, 1. ed., 1. reimp. Ministério da Saúde, 2013.



IV ENCONTRO REGIONAL EM COMEMORAÇÃO AO DIA DO GEÓGRAFO – ERCOGEO

“CÊNCIA, CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO: A pesquisa científica, um instrumento essencial na formação de Geógrafos”
24 a 27 de maio de 2023 – Três Lagoas/MS

CARVALHO, Angelita Alves de., BARRETO, Rafael Chaves Vasconcelos. A invisibilidade das pessoas LGBTQIA+ nas bases de dados: novas possibilidades na Pesquisa Nacional de Saúde 2019?. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 26, n. 09. p. 4059-4064, 2021. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.12002021> >. Acesso em: 10. Out. 2022.

GOMES, Sávio Marcelino et al. O SUS fora do armário: concepções de gestores municipais de saúde sobre a população LGBT. **Saúde e Sociedade**. v. 27, n. 4. p. 1120-1133, 2018. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0104-12902018180393> >. Acesso em: 10. Out. 2022.

FERREIRA, Breno de Oliveira., BONAN, Claudia. Cadê as populações LGBTTT na Estratégia Saúde da Família? narrativas de profissionais de saúde em Teresina, Piauí, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2021, v. 26, n. 5. p. 1669-1678. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1413-81232021265.04752021> >. Acesso em: 18. Nov. 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999b.

NASCIMENTO, Geise Teixeira do. **TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE DAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DA CIDADE DE TRÊS LAGOAS-MS**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGeo), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2015

OLIVEIRA, Isabela Virginia Pasquini Borges de. **AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE: o elo entre os estigmatizados e o acesso à saúde**. 2017. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2017.

SILVA, Joseli Maria. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul**, v. 22, n. 44, p. 117-134, 2007.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: Uma Breve História do século XIX aos nossos dias. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. (Coleção Ensaios).